

Fotobiografias

Rincão  
das  
Almas





## Apresentação

Apresentamos aqui parte do resultado de uma caminhada junto com a comunidade Rincão das Almas, em São Lourenço do Sul, estado do Rio Grande do Sul. Essa caminhada se iniciou em 2012 com uma pesquisa de doutorado (finalizada em 2015), seguiu com a primeira edição do projeto de extensão universitária “Histórias de Quilombo”, em 2016, com alunos (as) do mestrado e da graduação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e posteriormente com a pesquisa antropológica “Práticas e conhecimentos quilombolas na Paraíba e no Rio Grande do Sul”, situada no Rincão das Almas e também no quilombo paraibano de Mituaçu, com apoio do CNPq. Trata-se de uma pesquisa que buscou contribuir para o registro de trajetórias, memórias e práticas das comunidades quilombolas, que colaboram com a formação de sistemas complexos de saberes tradicionais que se expandem e se relacionam com situações de conflitos e transformações, articulando saberes e biodiversidade.

No Rincão, a pesquisa resultou em um conjunto de fotobiografias (como desenvolvido pela antropóloga Fabiana Bruno) sobre as mulheres quilombolas, que aqui foram reunidas de modo a apresentar fragmentos da memória coletiva desse grupo afrodescendente localizado no extremo sul brasileiro por meio de fotografias familiares. Apresentando elementos históricos, socioculturais e ambientais, pedimos licença para iniciar com uma breve apresentação do Rincão e de como nós, aos poucos, fomos chegando a esse território, caminhando por suas estradas, sentindo o orvalho das manhãs de inverno frio, tomando cafezinhos e participando de tantas partilhas que resultaram nas fotobiografias de mulheres do Rincão que são as protagonistas desta publicação. Apresentamos aqui a transcrição da entrevista e as fotos feitas com sua família.

Por fim, deixamos registrada nossa homenagem às pessoas queridas que perdemos vítimas da pandemia de covid-19, dentre as quais está Vera Furtado Centeno. Desejamos e lutamos para que os direitos quilombolas – incluindo o direito à saúde, tão relegado durante a pandemia – sejam cada vez mais respeitados.

As e os autores

## Os encontros e reencontros com a Comunidade Quilombola Rincão das Almas

Próximo da BR 116, na altura da localidade do Coqueiro, está o Rincão das Almas, no 5º distrito de São Lourenço do Sul, Rio Grande do Sul. Em seus 50 hectares, atualmente residem mais de 100 famílias. O Rincão está em uma região de ocupação colonial luso-brasileira, que teve sua economia voltada à cadeia produtiva do charque (uma carne conservada a partir do sal) nos séculos XVIII e XIX, acompanhada estreitamente do escravismo. Nesse período suas áreas de campo eram utilizadas para a pecuária que abastecia os estabelecimentos industriais charqueadores localizados na vizinha Pelotas, que chegaram a ter mais de dois mil cativos ao mesmo tempo.

Apesar da configuração fechada da região, por um lado com latifúndios de pecuária, rizicultura e outros, por outro por colônias de imigrantes teuto a partir de 1858, foram se estabelecendo comunidades quilombolas em todo o extremo sul, tanto em áreas de campo como nas serras. Atualmente, há nessa região mais de 50 comunidades que já receberam o certificado de autorreconhecimento como comunidade remanescente de quilombo da Fundação Cultural Palmares. Dentre elas, o Rincão das Almas, que se formou a partir de uma doação de terras por uma estancieira à família de cativos de sobrenome Pereira, no período da abolição, com 1503 braças registradas em um mapa. Ao longo do tempo, parte desse território herdado foi expropriado (no período de construção da rodovia BR 116, na década de 1960) e o mapa foi extraviado na tentativa de regularização das terras. Além disso, a troca de terras *por cevadura* (por comida) ou por pequenos valores em dinheiro, em condições de troca injustas, foi recorrente em toda a região.

O Rincão é um local de grande fixação de famílias negras, que foram se estabelecendo ao longo do tempo, apesar da estigmatização que esse território passou. Esse descrédito foi vivido a partir de marcas como o trabalho, os modos de vida e a alimentação. Um local que foi refúgio para muitas famílias comandadas por mulheres, mostrando a importância da organização familiar a partir da figura materna.

Com o passar do tempo, a falta de terra e de meios de produção para o plantio de alimentos ocasionou êxodo para as cidades próximas ou para fazendas da região, em busca de trabalho. As famílias que permaneceram ficaram em espaços pequenos com pequenas lavouras de milho, feijão, batata, mandioca e outros. A criação de animais também complementa a alimentação, sendo que no Rincão as características favoreceram a criação de gado, que era mantido solto até a construção da rodovia BR 116, quando se tornou obrigatório o cercamento, alterando a forma da comunidade se relacionar com o espaço.

Com a produção limitada, o caminho foi atuar como diaristas em lavouras e granjas de arroz, como peão na pecuária, ou ainda plantar de *sócio* ou *meeiro*, em que se cultivava na propriedade de outra pessoa, pagando os insumos e deixando parte da produção para o proprietário, atividades que têm em comum o regime de trabalho precarizado. Dentre as possibilidades de trabalho atuais, podem ser mencionadas atividades de manejo e colheita de frutas, atividades como diaristas na rizicultura ou outros monocultivos, empregos no posto de gasolina e restaurante próximo da comunidade, na localidade do Coqueiro, e no frigorífico que há na mesma localidade ou ainda em atividades na cidade.

A Associação Quilombola do Rincão das Almas, majoritariamente com mulheres à sua frente, foi formada em 2006, e tem o parentesco como elemento importante na organização. Um importante núcleo familiar do Rincão que atua na Associação é liderado pela matriarca Eva Maria Furtado Mourão, que nos guiou ao longo desse tempo, apresentando pessoas, histórias e todo afeto de quem acolhe, ajuda, cura e protege a todos ao seu redor.

As fotos e vídeos já fazem parte da nossa relação com moradores (as) do Rincão desde 2013, com o vídeo Memórias Negras sobre a alimentação, protagonizado por dona Eva. Já durante o projeto Histórias de Quilombo, em 2016, fizemos oficinas de fotografias e vídeos com os jovens da comunidade. Das imagens desdobraram-se conversas sobre ancestrais comuns, deslocamentos, lugares de moradias de barro do passado que hoje são demarcados apenas por bambus e memórias guardadas oralmente. Se por um lado, as casas foram demolidas ao longo do tempo, ainda há vestígios de um açude usado como reservatório de água construído por pessoas escravizadas e os restos de um antigo cemitério com inúmeras lápides abertas pelo efeito do tempo. Aos poucos, lugares até então desconhecidos e pessoas com quem não havíamos conversado foram sendo apresentadas a nós por jovens e lideranças nas oficinas.

Com base no material fotográfico recolhido, foi elaborado um calendário para 2017, com imagens do jardim de Dona Eva, que foi entregue em versão impressa numa tiragem de dez exemplares. No ano seguinte foi proposta a criação de um novo calendário do Rincão das Almas, agora com imagens de mulheres da comunidade. Com maior abrangência, o segundo calendário, de 2018, foi entregue a cada uma das 12 participantes. No processo, a simples fotografia de um sorriso era fonte de timidez e surpresa para as mulheres, modificada com um clima ameno de brincadeiras e brincadeiras sobre o momento de fotografar. Com a certeza do quanto seria importante continuar e aprofundar este momento e de mãos dadas com dona Eva, durante o inverno de 2018, demos início à pesquisa com fotobiografias. Ao lado das trajetórias individuais dessas mulheres, emergem também práticas quilombolas de resistência que fortalecem seus territórios diante das mudanças do mundo contemporâneo, seja na alimentação, seja nas redes de parentesco, seja no apoio comunitário, seja ainda nas lutas políticas por reconhecimento e valorização.

Assim, a partir da vontade de aprofundar a história do Rincão e de suas famílias, iniciamos um roteiro de visitas e reencontros de 13 famílias – número que se expandiu ao longo da pesquisa -, em busca de conhecer mais sobre a trajetória de cada um dentro da comunidade, culminando nas fotobiografias que serão apresentadas nas páginas que se seguem.



[1] O vídeo é um dos produtos da pesquisa Saberes e Sabores da Colônia, que buscou captar, a partir dos hábitos alimentares de grupos da Serra dos Tapes, a complexidade cultural da região. O trabalho foi conduzido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentação e Cultura (GEPAC), com apoio de CNPq e Fapergs. Disponível em: <<https://vimeo.com/115165809>>.

# Angela e Simone

## Entrevistadores: Patrícia e Guilherme

Julho de 2018

Angela Maria de Brochado é filha de seu Gaudêncio Brochado e dona Divina. Eles tiveram 7 filhos, Tereza, Angela, Ceniara, (falecido), Adão, Paulo (falecido) e Juarez. Nasceu na Costa Alegre, mas morou na Pacheca com os pais e também - bastante tempo - em Santa Vitória do Palmar, com o marido, trabalhando na rizicultura. Tiveram seis filhos.

Ângela: Bom, quando eu era pequena e tinha ali uns 12, 13 anos, eu sempre trabalhei muito nas lavouras com a minha mãe, tá. Depois quando eu, depois me casei, quando eu tinha uns anos, daí eu fui morar em Santa Vitória, aí eu morei muito, muito, muito, muito, muitos anos lá por Santa Vitória.

Patrícia: Lavoura de arroz daí?

Ângela: É, lá em Santa Vitória é só lavoura de arroz, meu marido trabalhava na lavoura e eu fui pra lá, eu tinha a minha guriuzinha pequena quando eu voltei pra cá já tinha essa outra guria aqui também. Eu tive seis filhos, cinco filhas mulheres e um filho homem só. E pra lá não tem muita coisa pra contar, eu sempre morei muito só pra fora, nunca morei pra cá

Patrícia: Como é que era o trabalho lá no arroz, era no corte com foice?

Ângela: Não, lá era de ceifa que trabalhava

Patrícia: Ah, aí vocês cuidavam da plantação?

Ângela: Ele não, é, ele trabalhava e eu ficava em casa, né? Morava ali, morei muitos anos pra lá

Patrícia: E tinha mais gente morando lá ou era só a família de vocês?

Ângela: Não, era muita, era, assim uma vila de casa. Como se fosse aquela vila do Coqueiro ali assim, é daquele jeito

Patrícia: Aham, é grande

Ângela: É, ah, é! O movimento lá era grande

Patrícia: E era famílias de lá mesmo ou daqui também de São Lourenço?

Ângela: Não, alguns tinham, tinha os mesmos, os que cuidavam mesmo das pessoas, assim, que eram aqueles capatazes, aqueles que mandavam eram os parentes da Eliane ali do Jorge.

Patrícia: Ah, sei!

Ângela: É, eles moravam lá e acho que hoje eles moram pra Pelotas (inaudível). Era ele e depois tinha conhecido, mesmo daqui, não. Mas, era assim pessoal de Pelotas, de Chuí, era da cidade de Santa Vitória

Patrícia: Da região ali.

Ângela: É, o pessoal daquelas voltas ali.

Patrícia: Mas, chegou a ter, formar família lá ou o pessoal se juntava? Como é que era, assim?

Ângela: É, se juntar família, como?

Patrícia: Assim, de ter baile juntos e com padre

Ângela: Não, a única coisa que a gente tinha que se juntava, sentava, tomava mate, conversava,



cada um da sua cidade, né? Isso a gente sempre se juntava junto, mas de festa assim, eu nunca...

Patrícia: Aham, não tinha tanto.

Ângela: Não, não tinha.

Patrícia: E a senhora nasceu mesmo aqui no rincão?

Ângela: Não, eu nasci lá pra Costa Alegre lá

Patrícia: Costa Alegre é pra que lado?

Ângela: É pra lá pra aqueles lados lá

Patrícia: Aham, mas perto da BR agora? Da estrada?

Ângela: Não, é lá pro lado do, da vila Maria Geoval, da vila Maria pra lá pra baixo.

Patrícia: Não...

Ângela: Mas lá pra aqueles lado é a vila Maria, foi pra lá onde nasci

Patrícia: Mais pro lado de Pelotas, assim?

Ângela: Não! É aqui

Simone: Não, ali do lado daquela estrada do frigorífico Coqueiro

Ângela: Desce do frigorífico e vai reto lá pra aquelas estradas lá pra baixo

Patrícia: Ah, aqui pertinho!

Simone: É pertinho, faz parte dessa redoma

Ângela: Ia lá pro lado da Costa Alegre, foi pra lá que eu nasci!

Patrícia: Ah tá, a gente foi esses dias na casa da Tânia, eu não sei se é perto

Ângela: Que Tânia?

Patrícia: Tânia... Bah, não vou lembrar o sobrenome dela

Simone: da Fonseca ali, será mãe?

Patrícia: É, eu acho que é

Simone: mãe do Paulinho

Patrícia: Isso!

Guilherme: É a mãe do Paulinho

Patrícia: É ali perto?

Ângela: A mãe do Paulinho é nossa prima, só que ela mora no Coqueiro, né?

Patrícia: Isso! A Costa Alegre é depois?

Ângela: Pra cá, pra esse lado.

Patrícia: Ah, é pra cá

Simone: Sabe ali o frigorífico do Coqueiro, né? Onde tem aquela estrada que se vai pra lá? Aí se tu ir sempre reto lá pra baixo, ela vai dar pra lá.

Ângela: Tem uma entrada pra uma estrada grandona, é lá pra aqueles lado pra lá

Patrícia: Tá, agora eu entendi.

Ângela: É

Patrícia: E tem, ficou família lá ou não? Sua família veio pra cá?

Ângela: Eu nasci pra lá, depois eu acho que nós fomos morar, depois nós fomos morar na Pacheca. Aí lá na Pacheca ficamos, acho que nós tínhamos uns , anos, que eu me lembro que nós morávamos na Pacheca que era, assim, perto de um lugar, assim, ai onde tinha bastante água assim. Nós morávamos numa casa grande, de tábuas que tinha. E o meu pai trabalhava, assim, trabalhava no campo, né? Cuidava os gados lá de uma gente que morava lá

Patrícia: Lá na Pacheca?

Ângela: É, que era família do, como é que era o, não sei o sobrenome do homem, mas sei que o nome do homem era Plínio Luiz.

Patrícia: E ali, que tem essa estrada que sai dali do Prado Novo e vai direto pra Pacheca, né?

Ângela: Uhum.

Patrícia: Era perto daquela, como é que é o nome... ai, não me lembro o nome, mas era pra essa estrada que ia

Ângela: Não, por aquela estrada dali, não, mas nós moramos na Pacheca, mas nós íamos por Camaquã, né?

Patrícia: Ah, do outro lado do engenho

Ângela: É, do outro lado. Porque, depois, agora o meu marido teve uma época que ele trabalhou e eu também lá na Pacheca bem no costado da praia mesmo, lá em baixo, né?

Ângela: Ele trabalhou pra lá e eu fui uma duas vezes pra lá, umas três, quatro vezes eu tive lá no serviço onde ele tava. Aí eu me lembro bem do lugar onde nós moramos que nós passávamos num travessão, assim, porque esse serviço que ele morava era lá no fundão, mas era longe, longe, longe o lugar esse, na beira da praia e tinha estrada, assim, que vinha da vila da Pacheca que passava, né? Aí bem num recanto assim, eu mostrei pra ele onde nós moramos, me lembrei daquele lugar ali. Passamos logo na frente, eu digo: "É, ó, naquele lugar lá nos moramos" que hoje também é uma vila de casa, né?

Patrícia: Ah, tem... porque tem uma parte que é alta ali, né?

Ângela: É, tem uma parte bem alta, eu tive umas quatro vezes por lá agora muito...

Patrícia: E tinha uma balsa também ali, né? Que fazia...

Ângela: Pra esse lado da balsa, pra esse lado onde era a balsa, eu nunca tive e na vilinha da Pacheco eu tive uma vez que eu vim de ônibus e peguei outro ônibus que vinha pra sair pra faixa aqui, saí quase no meio do caminho, né? Que não passava por Camaquã, aí eu tive naquela vila, mas foi, assim, de manhã bem cedo por aí, o dia eu acho que recém tava clareando quando eu tive por ali, mas e lá naquela vila eu nunca fui. Assim, nesses outros, eu ia dentro da vilinha da Pacheca não, mas naquelas granjas pra lá pra baixo, eu fui.

Patrícia: E nesse lugar que a senhora morava tinha vila, tinha uma vilinha ou era só família de vocês?

Ângela: Aonde? Quando nós eramos pequenas?

Patrícia: Quando vocês moraram na Pacheca. É!

Ângela: Não, quando nós eramos pequenas tinha, assim, a fazenda. Era uma fazenda grande, assim, que era plantação de arroz, era coisa de gado, essas coisas assim, né? E tinha um morador, vamos supor assim, a fazenda fosse como aqui pra lá tinha um morador e nós eramos pra aquele lado ali. Pra aquele lado ali tinha uma casa que nós morávamos era, assim, bem perto, né? Eram três casas só, tinha a da fazenda, todas coisas da fazenda e depois mais duas casas.

Patrícia: E deve ser bonita essa região, né?

Ângela: Era bonito, sim. Isso, às vezes, eu conto pras gurias quando nós eramos pequenos, nós



morávamos lá na Pacheca.

Patrícia: Uma vez eu ouvi falar de uma ilha que tinha lá? A senhora chegou a conhecer? Ali na volta da Pacheca tinha uma ilha, alguma coisa assim.

Ângela: Não, isso aí não.

Patrícia: E vocês tomavam muito banho de rio lá no Camaquã?

Ângela: Ah, quando nós eramos pequena a gente andava dentro da água, deixava a mãe sair do serviço e nos botavam dentro d'água era, assim, tinha bastante areia, bem pertinho, né? Ela sempre quando saía dizia "Não levam as crianças muito pra lá, na água", lá pro fundo, né? Mas, a água, assim, dava, assim, no costado, assim, daí a gente ia ali.

Patrícia: Quantos irmãos eram?

Ângela: Ah, era, que a minha irmã mais velha já é falecida, depois tinha a minha irmã mais velha, depois tinha aquela outra que mora ali embaixo que ficou viúva agora, depois eu e depois, na época, tinha o meu irmão que mora em Camaquã, o Adão. Nós não era muitos, não.

Patrícia: Aí depois da senhora ter ido pra Santa Vitória que a senhora voltou pra cá depois?

Ângela: É, foi quando eu fui pra Santa Vitória eu já tinha a Simone, a mãe dessa guriuzinha aí. Eu morei bastante tempo lá por Santa Vitória. Quantos anos eu morei pra lá?!

Patrícia: É, ela veio de lá já...

Ângela: Ah já veio de lá mais, ela veio de lá tinha um... tinha mais de ano já a Simone. Já tinha quase uns dois anos, ela tinha.

Patrícia: Ah, então, tu te criou, Simone, aqui, né?

Simone: Uhum

Patrícia: E chegou a trabalhar em algum lugar também ou ficou mais aqui mesmo no Rincão?

Simone: Não, eu morei sempre aqui no Rincão

Patrícia: Sempre aqui



Ângela: Morou aqui

Patrícia: O que a senhora lembra do Rincão, daqui, mais antigamente, assim, de primeiro como é que era aqui?

Ângela: Quando eu era pequena?

Patrícia: É

Ângela: Olha, eu vou te ser bem sincera, pra mim é essa mesma coisa. Pior que sim

Patrícia: Tranquilidade...

Ângela: É, a mesma coisa, né? Antigamente saía uns bailes ali pela Eva Maria, por ali sempre tinha, né? É o que eu me lembro, outras coisas tem nada de jogo, às vezes saí, tá sempre saindo, né? Que eles tão indo, mas outras coisas diferentes não tem

Patrícia: Tinha coisa de cavalo aqui? Tinha alguma coisa de cavalo que uma vez me falaram de uma que tinha perto do, pra cá...

Fotógrafo: Uma cancha

Patrícia: Uma cancha, é!

Interlocutor: Ah, do falecido Jacó, mãe, tinha as canchas ali.

Ângela: Ah, isso eu nunca fui, nunca, nunca. Tem lá pra cima, mas eu não, nunca fui.

Interlocutor: De corrida de cavalo. Daí tinha umas coisinhas assim, aí ficava um, dois, três, quatro cavalos e faziam corrida

Patrícia: Isso, um em cada (inaudível)

Ângela: É, tinha, mas eu nunca fui. Lá nas festas deles pra lá eu nunca fui.

Patrícia: E como é que funcionava assim, os casamentos, as festas de casamento? Tinha bastante?

Ângela: Ah é, os casamentos tavam sempre saindo (risos) tá sempre saindo, né?

Patrícia: E era nas casas?

Ângela: Ah é! O meu eu é, eu e as minhas irmãs casamos tudo em casa, casamos tudo em casa. Era nessa casa aí do lado aí morava meus pais moravam ali e, mas não era aquela casa, era uma casa de tábua que eles tinham aí. E ali fizeram nossos casamentos tudo em casa.

Patrícia: Como era o nome dos seus pais?

Ângela: O meu pai era Gaudêncio e a minha mãe era Divina

Patrícia: Ah, aham, o tio Galo, né?

Ângela: É

Patrícia: A gente ouviu falar dele.

Ângela: Ah, até vou te mostrar a foto do pai.

Patrícia: Tá.

Ângela: Essa aqui era a minha mãe e essa aqui uma netinha, uma neta minha que mora em São Lourenço.

Patrícia: Hum, que coisa mais querida! Essa foto já é mais recente, né?

Ângela: É, a mãe tirou essa foto... antiga, antiga dela eu não tenho nenhuma. Essa aqui a mãe tirou, quando a mãe tirou essa foto?! Ah, no casamento do Zé, né?

Simone: Ah, é, ele tem quatro anos. Hoje em dia ela tem 24, daí é 20 anos atrás.

Ângela: (inaudível) e essa aqui, essa aqui é a minha mãe e a minha irmã e esse aqui quem é?

Simone: Deixa eu ver, mãe

Ângela: Essas fotos de quem é?

Simone: É a vó Divina, o vô Galo e a falecida madrinha

Ângela: Esse aqui é o meu pai, é o mesmo dessa charrete aqui ó. Ele tinha uma adoração por essa charrete

Patrícia: E vocês ainda tem ela ou não?

Ângela: Tem, lá na casa da minha guria lá que mora no Prado Novo. Ela tem essa charrete, ela cuida de um petiço que tá lá também. Ele tinha um petiço branco, ele me deu ele, mas aqui eu não tenho lugar pra botar quando ele ainda tava vivo que tava na Santa Casa ele tinha me dado ele pra mim, mas aqui não tem lugar pra botar ele, né? Daí eu deixei lá, botei lá pra casa da minha guria, daí ela ficou com a charrete. Esse aqui eram os meus pais, essa daqui a minha irmã.

Patrícia: Essa é sua irmã mais velha?

Ângela: É, a minha irmã mais velha, falecida também.

Patrícia: Como é que era o nome dela?

Ângela: Ceniara de Fátima

Patrícia: Ceniara. Muito parecida com seu pai, os olhos e aqui assim. E com que idade que seu pai faleceu? Não faz muitos anos, né?

Ângela: Não, vai fazer quantos anos que o pai faleceu? Vai fazer cinco anos, ou uns dez?

Simone: Não, mãe, não faz tanto tempo.

Simone: Depois da Sandrinha, ela morreu em 2013, né? Ele morreu em 2014.

Ângela: É, não faz muitos anos não que o pai faleceu.

Patrícia: E a sua mãe?

Ângela: A mãe faz, a mãe faz? É, faz anos, né? Não, não, para um pouquinho, a mãe eu acho

que nem faz também, porque o meu irmão faleceu e eles botaram juntos, botaram lá e a minha cunhada nem precisou pagar ainda os anos que ele tá lá porque já tava pago dez anos, né? É, não, é pra o ano que vem, acho que faz uns oito.

Patrícia: Oito anos?

Ângela: Uns oito anos. É, faz uns oito anos.

Patrícia: E a senhora lembra dos seus avós?

Ângela: Não, quando nós nascemos eu acho que nosso vô, eu tinha, não, eu conheci uma vó minha sim, Adelaide, é!

Patrícia: De mãe ou de pai?

Ângela: Do lado da minha mãe

Patrícia: Aham, mãe da sua mãe?

Ângela: É!

Patrícia: E a sua mãe tinha mais irmãs por aqui?

Ângela: Ah, a mãe tinha um monte de irmãs, mas um monte, um monte, um monte, um monte de irmã mesmo. Tinha umas-

Patrícia: Como é que era o sobrenome dela? É Brochado?

Ângela: É, minha mãe era Brochado, mas ela é, ela era Gonçalves da Silva, pela parte dela, né? Não, ela tinha umas quantas irmãs. A minha mãe era gêmea com outra que morava em Pelotas e, ah! Naquela família da mãe tinha três casais de gêmeos.

Patrícia: Nossa! Tem a tendência, o gene, né? Dos gêmeos.

Ângela: É! Ela tinha

Patrícia: Três casais de gêmeos?

Ângela: E depois dessa outra geração, tinha um primo meu que morava em Pelotas que tinha o nome de Divino, as crianças dele tudo foi gêmeas, a mulher ganhou bebê seis vezes, tudo era gêmeos.

Patrícia: Meu deus, tudo em dobro

Ângela: Tudo em dobro, né?

Patrícia: Imagina, vai cuidar de uma criança e cuida de duas

Ângela: É! E depois, e aí o meu irmão que mora em Camaquã, o Adão, também tem um casal de gêmeos e foi só

Patrícia: É da família mesmo

Ângela: É da família. Isso era do lado da minha mãe

Patrícia: E do seu pai?

Ângela: Do meu pai acho que não tem ninguém gêmeos

Patrícia: É? Mas ele tinha irmãos aqui também ou não?

Ângela: Só em São Lourenço moram os irmãos dele, ele tinha um monte irmão também

Patrícia: Aí ele sim era Brochado, a família dele?

Ângela: É, ele ainda tem umas irmãs lá, tinha a Eva, tinha a Neuza, tem uma, a tia (inaudível) que mora em Rio Grande e o tio Adão que mora ali também em São Lourenço. Esses aí moram em São Lourenço. São os tios que nós temos agora, mas era uns quantos também

Patrícia: Ah, antigamente tinham as famílias grandes

Ângela: E da família da nossa mãe não tem ninguém vivo

Patrícia: Ah é?

Ângela: É, faleceram tudo.

Patrícia: E a sua mãe chegou a falar de onde que ela veio? Se ela nasceu aqui ou nasceu em outro lugar?

Ângela: Não, acho que ela nasceu por aqui mesmo, ela nunca falou. Eu sei que o pai dela era de Rio Grande

Patrícia: Uhum,

Ângela: E a mãe dela a gente nunca soube, ela não falou da onde é que ela era. Acho que era daí mesmo.

Patrícia: A dona Adelaide, né?

Ângela: É, era daí mesmo da volta

Patrícia: A senhora chegou a conhecer ela?

Ângela: Conheci, minha vó conheci

Patrícia: E do seu pai eles falavam de onde eram?

Ângela: Ah, não, do meu pai também, eu conheci a minha vó que ela morava em São Lourenço também. Eu conheci as duas vó eu conheci, só os avós que não. Os nossos vôs nós não conhecemos, nenhum.

Patrícia: E como é que era o nome da sua vó por parte de pai, a senhora lembra?

Ângela: Ah, o nome da vó era... Zulmira, o nome dela.

Patrícia: Zulmira?

Ângela: É!

Patrícia: Que morava em São Lourenço?

Ângela: Essa morava em São Lourenço. Ela morou também muito lá pra baixo pra Costa Alegre lá onde, lá onde eu nasci pra aqueles lados, aí ela morava lá e depois ela se mudou pra São Lourenço. E a vó, mãe da mãe, morava ali nessa mesma, aí tem uma casa aí que já é a terceira geração que outra gente já comprou, né? Deles, mas ela morou, morava sempre ali naquela casa. Aquelas terras ali eram deles, eles moravam ali, depois venderam. Nem faz muitos anos que venderam as terras ali.

Patrícia: Dona Ângela, e como é que era, assim, por exemplo, nesse tempo mais de antigamente, tinha mais famílias aqui ou tinha menos famílias que a senhora lembra? As famílias mais antigas daqui do Rincão?

Ângela: Olha, sabe que aqui no Rincão de primeiro não tinha muito morador não, era poucos.

Patrícia: Qual que a senhora lembra, assim, que são mais antigo?

Ângela: Olha, que eu me lembro quem morava no Rincão era... Aquela gente ali da Regina

Patrícia: Pereira? Regina Pereira?

Ângela: É! Ali pela Eva, a turma da Eva Maria, nós moramos em cima, ai! que eu me lembro... Ali pelo (inaudível) também, ele morreu de uns anos pra cá, né? E aqui nessa volta aqui, nós, ali seu Valdor, aquela outra turma tudo que mora lá pra baixo era morador daqui.

Patrícia: Que é a dona Zuleima?







Ângela: É! Essa aqui já era morador que morava por aí, eu conheci! Lá na Antônia, lá também era morador dali

Patrícia: Qual Antônia?

Ângela: A Antônia Maria, lá da Eva Maria, uma senhora doente que tem lá

Patrícia: Sei, sei quem é

Ângela: Tá

Patrícia: Que era casada com seu Guilherme, né?

Ângela: É

Patrícia: Rodrigues, né?

Ângela: Isso. Tá e aí pra cima esses são tudo morador novo, né?

Patrícia: Aham

Ângela: Os moradores mais antigos que eu conheço, que tinham, eram esses e a maior parte de alguns foram embora, né? Às vezes vão embora. Era só.

Patrícia: E porque será que o pessoal foi embora?

Ângela: Às vezes gostam de morar na cidade grande, né? (risos)

Patrícia: Trabalho também?

Ângela: É, às vezes, né?

Patrícia: E o que tem? Tem opção de trabalho aqui pro pessoal mais novo? Também é difícil, né?

Ângela: Olha, o serviço aqui é difícil.

Patrícia: Tem a lavoura de pêssego, né? Que...

Ângela: Ah tem, lá no Prado Novo

Patrícia: Mas é só uma época do ano também, né?

Simone: Ah é, diz que aquilo já tá fechando já

Patrícia: Ah é? Não sabia. Eu não sei como é que é o pagamento também dessas coisas, não é meio...?

Simone: Já é muitos anos, agora ela já tem, diz que a produção vai até quinze anos, as árvores dão frutas e depois para, tem que renovar, né? É, ela já tem mais que doze anos, eu acho.

(criança falando)

Patrícia: E essa moça aí? Oi, tudo bom?

Ângela: Dá oi, Julia.

(risos)

Patrícia: É sua neta também?

Ângela: É! É, dessa aqui que mora nessa casa aqui. Aquela ali mora na de lá e essa aqui mora aí, nessa aqui.

Patrícia: Quantos netos a senhora tem?

Ângela: Ah! Simone, quantos netos ao todo são? Faz a conta aí de quantos vocês são, são tudo

Simone: A mãe tá contando. São nove da (inaudível) né? E daí de cá são treze, tira doze, a Preta quinze, Amanda dezessete, (inaudível) dezoito. Tá certo, a Laís e a Sheila vinte e a... Já botei.

Ângela: E tem o casal de bisneto



Patrícia: Ah é?

Ângela: São grandinhos já

Simone: Vinte e dois!

Ângela: Um gurizinho e uma guriuzinha

Patrícia: Vinte dois?

Ângela: É!

Patrícia: Olha, vinte e dois netos, é isso?

Ângela: É, é só esses

Patrícia: Que família bonita, hein? E o seu marido?

Ângela: Meu marido trabalha, tá trabalhando. Ele trabalha lá pra baixo também, lá desses lados, lá pra baixo da Vila Maria pra lá, ele tá trabalhando.

Patrícia: E como é que é o nome dele?

Ângela: É João Carlos

Patrícia: João Carlos

Ângela: João Carlos Moreira Brochado, o nome dele

Patrícia: Ah, da família também Brochado?

Ângela: É! Nós somos primos.

Patrícia: Aham! E foram seis filhos, né?

Ângela: É, são seis.

Patrícia: Cinco mulheres e um homem.

Ângela: É, meu filho trabalha nos caminhões do frigorífico lá, ele é motorista.

Patrícia: Uhum



Ângela: Faz uns quantos anos que ele tá lá, né?

Patrícia: Do frigorífico aquele que tem mais na entrada no (inaudível) ou desse aqui?

Ângela: É, não! Desse aqui, do frigorífico do Coqueiro

Patrícia: Do Coqueiro? Aham

Ângela: Trabalha uns bons anos que ele tá lá trabalhando já

Patrícia: Que mais que eu ia lhe perguntar? Do... Ai, como é que era aqui quando, ahn, não sei se a senhora chegou a pegar o tempo das tropas de gado que levava o gado pra Pelotas, que a dona Zulema falou pra gente, né? Que tinha aqui o pessoal...?

Guilherme: De ver as tropas passando aí com um monte de boi...

Ângela: Mas isso acho que isso era do tempo delas, não do meu, né?

Patrícia: Pode ser, é antigo, né?

Fotógrafo: A dona Eva lembra também, ela falou de, era criança, assim, lembra de sair pra ver os bois passando

Ângela: Ah é!

Fotógrafo: Talvez a senhora já tivesse ido pra Santa Vitória quem sabe, né?

Patrícia: Ah pode ser! Quem sabe...

Ângela: Mas, talvez aí, na idade que a Eva Maria era criança, eu acho que eu não era nascida, então.

Simone: Ah, são bem mais velhas (inaudível)

Ângela: Ah é!

Patrícia: É! Deixa eu lhe perguntar qual a sua idade?

Ângela: Eu tô com .

Fotógrafo: ? Ah, é!

Ângela: Era do tempo delas, né? Não era do meu, muitos anos lá pra frente.

Patrícia: É que foi antes ainda de fazerem a estrada ali, né?

Ângela: Ah é!

Patrícia: A senhora chegou a pegar a construção dessa estrada ou era muito pequena ainda? Era criança ainda?

Ângela: É, quando nós viemos pra cá, quando eu cheguei a me conhecer por gente mesmo, já tinha tudo essas estradas pra lá, tinha pra cá.

Patrícia: Uhum, já tinha mudado, né? Porque diz que era mais por cima lá pro Boqueirão velho.

Ângela: É, e a minha mãe sempre contava pra nós que quando ela já era nascida, quando fizeram aquelas, esse Coqueiro aí, né? A faixa, essas estradas porque ela disse que saiam daqui da casa dos pais, fazia rancho e tinha que ir lá no Boqueirão fazer, né? E ela disse que passavam e depois eles traziam o rancho numa condução e eles tinham que trazer aquilo nas costas até um certo pedaço aí pra perto da casa deles que tudo era banhado, que tudo era água, tinham que carregar assim as coisas, né?

Patrícia: Imagina só

Ângela: É brabo, né? E aí depois que fizeram essas estradas aí.

Patrícia: E a sua mãe falava no que ela trabalhava aqui?

Ângela: A mãe?

Patrícia: É!

Ângela: A minha mãe quando era, ela disse que quando nós eramos mais pequenos, que nós eramos pequenos, ela sempre trabalhou porque o pai sempre morou em fazenda, o pai morava em fazenda, moramos lá na Pacheca, moramos aí pro lado do João Cerpa lá pra baixo também. Aquelas Cerpa que tinha pra ali, aí gente sempre morava assim, quando nós chegamos a vir pra dentro do Rincão mesmo, que eles fizeram uma casa de tábuas aí, nós já eramos grande, já era criança pra ir pro colégio. Nós já estávamos grande, né? Então, a gente nem conheceu nada aqui porque já tinha tudo que era estrada, que era coisa, né? Mas, nós viemos grande pra cá já.

Patrícia: Sim, já tinha...

Ângela: É, já eramos bem grande

Patrícia: E a igreja aqui? A senhora é, vai na igreja, alguma igreja aqui?

Ângela: Vou

Patrícia: Qual delas?

Ângela: Eu vou na igreja mesma católica aquela lá em cima do Rosário, né? Mas, às vezes, eu vou nessas evangélicas também aí, de vez em quando eu vou nos cultos aí

Patrícia: É mais divertido também, né?

Ângela: É! De vez em quando eu saio aí bem no meio da semana, outras vezes no sábado e domingo, eu vou aí por esses cultos um pouco

Patrícia: Sim. E a igreja essa do Rosário tinha, tem a bastante tempo, né? Essa comunidade de Rosário.

Ângela: Ah é, essa comunidade de Rosário tem aí, quando ela começou eu tinha trezes anos

Patrícia: E a senhora já participava?

Ângela: A gente ia por causa que a gente fazia aquelas catequeses e sempre tinha umas rezas no colégio lá, no Rui Barbosa, lá em cima, né? Quando nós eramos pequenos, nós íamos, mas aí depois que saiu a igreja a gente foi desde o começo a gente ia na igreja. De vez em quando eu vou lá nas missas. E as crianças agora tão na catequese, essas coisas aí, a gente em seguida tem que ir.



Patrícia: Uhum, sim. E esses bailes que tinham aí lá na dona Eva, era com o seu Vanderlei, né? O marido dela, como é que era os bailes?

Ângela: Era bom, eles eram umas pessoas, assim, bom mesmo nos bailes, eu não vou dizer que era ruim que não era, né?

Patrícia: Mas tinha uma coisa que falaram pra gente que tinha que pedir pra dançar, daí não podia dizer não, era assim mesmo?

Ângela: É! tinha tudo isso, mas era bom, né? As festas daqui da zona sempre foram boas.

Patrícia: E os batizados? Era na comunidade?

Ângela: É, os batizados era lá na comunidade

Patrícia: E tinha batizado em casa também ou não?

Ângela: Em casa? Eu não me lembro de batizado em casa

Patrícia: Que às vezes tem os padrinhos de casa e os padrinhos da igreja

Ângela: Ah não! Os padrinhos de casa tem, assim, eles batizam as crianças em casa

Patrícia: Com um pouquinho de água?

Ângela: É! Aqui em casa nosso padre batizava sempre a Neciara aquela outra minha outra irmã que mora lá. Nessa coisa de batizar em casa a gente chama ela pra fazer o (inaudível) pra batizar.

Patrícia: A Neciara é sua irmã, né?

Ângela: É minha irmã mais velha que eu

Patrícia: E a senhora tem outros primos por aqui na volta?

Ângela: Só no Coqueiro tem um primo que mora, o Mário.

Patrícia: Que é Brochado ou?

Ângela: Não!

Patrícia: Ou Gonçalves?

Ângela: É Gonçalves. Só tem um primo que mora aqui na volta, os outros tudo moram pra fora. Uns eu conheço, outros só sei pelo nome que nunca vi. Tem parente em Pelotas que eu nunca vi. Uma barbaridade! Nossos parentes quase tudo moram só lá!

Patrícia: Em Pelotas?

Ângela: É, moram ali pelo Capão do Leão, lá pelo, ai, como é que é mesmo o lugar? Ai um monte de lugar ali, moram.

Patrícia: De repente encontra na rua e nem sabe que é parente (risos)

Ângela: Não, às vezes a gente encontra e nem sabe

Patrícia: Encontra alguém mais parecido, né? Acha que não é, mas é. Dona Ângela, vamos fazer, a senhora tem mais fotos? Ou são essas três?

Ângela: Não, são só essas aqui, daí isso aqui é lá da casa da minha irmã ainda

Patrícia: Aham, vamos fazer um, só uma, juntar elas pra tirar foto delas?

Ângela: Tá, pode ser!

Patrícia: Pode ser ali em cima da mesa?

Ângela: Pode

Patrícia: A senhora quer colocar alguma foto dos seus filhos também?

Ângela: Eu vou ver se na minha bolsa eu tenho deles ali

(Murmúrios)

Ângela: Tem só, outras fotos eu não tenho, só essas duas aqui eu tenho ó! Essa daqui é do casamento daquela minha guria ali,

Patrícia: Ah, que legal!

Ângela: Ali é nossa e aqui é dela.

Patrícia: Aham. Como é que a senhora organiza as fotos? A gente vai tirar do conjunto, pode ser assim? Ou pode ser de outro jeito? Seus pais em baixo, pode ser?

Ângela: É, pode ser!

Patrícia: Pode ser assim?

Ângela: Pode!

Patrícia: Isso aqui foi no casamento mesmo?

Ângela: É! Essa aí é do casamento dela, até eu vou mandar fazer um quadro bem grande daquela ali.

Patrícia: Aham, ficou bonita.

Ângela: É!

Guilherme: Com essa lente aqui tem que ser lá de cima

Patrícia: Quer trocar a lente?

Guilherme: Acho que vamos

Patrícia: Tá lá no carro a outra lente, eu não peguei

Guilherme: Vamos ver aqui em cima, a gente resolve aqui, fica mais fácil aqui de cima

Patrícia: Tá no manual ou?

Guilherme: Não

Patrícia: E quem é o moço do retrato?

Ângela: Aquele é os guris, os dois netos que moram comigo. Eles moram, o Marcelo e o Michel. Esses dois eu criei, esses guris desde pequeno.

Patrícia: Isso aí é na formatura?

Ângela: É, esse deles aí. E o, e tem as três gurias também que eu praticamente cuidei delas desde pequenas, mas agora cada um tem a sua própria casa, né?

Patrícia: Foi das casas novas que vieram ali da Associação?

Ângela: Não, aquelas ali foi por conta deles mesmo.

Patrícia: Ah, eles que fizeram

Ângela: E a minha também não, não peguei por causa do quilombo. Eu já tinha essa aqui, tinha dado uma chuvarada, tinha furado todo brasilit já tinha trocado tudo. Porque eu vou pegar uma casa? Botei a madeira, tudo novo em cima, e disse pra que eu vou pegar, pode outra pessoa precisar também, né? Aí não quis.

Neto: Vovó! Chegou caminhão lá na frente, vovó!

Ângela: Vai lá ver, senta Laís!

Vocês vão ficar na rua aí!

Ângela: Tá, deixa eles irem lá!

Patrícia: Tu não vai me dar oi, é?

Ângela: Dá oi, Julia, pra titia dá!

Julia: Oi!

Patrícia: Oi, tudo bem Julia? Não?

Ângela: Esses aqui são meus, aquele ali meu bisnetinho também

Patrícia: E tu? Tudo bem? Como é que é o teu nome?

Gabriel: Gabriel

Patrícia: Gabriel? Que nome bonito! E tu é Júlia.

Ângela: Minha foto! (risos)

Simone: Aham, ela quer tirar foto.

Patrícia: Ah, mas que rico dia, e dona Ângela, tem alguma coisa assim que a gente poderia também tirar foto, por exemplo, algum objeto dos seus pais, alguma coisa assim?

Ângela: Alguma coisa tem, mas a minha irmã saiu e deixou a casa fechada.

Patrícia: Ah tá, na sua irmã...

Ângela: Eles moravam era com ela, né? Deixou a casa fechada e agora nem hoje ela não vem. Não tem nada aqui dentro, eles tinham umas coisas lá, mas ela deixou fechada, né?

Patrícia: Tipo o que?

Ângela: As coisas dele, tinham, eles tinham os móveis da casa a maior parte era deles, né? E tinham aquelas coisas mais antigas, eles tinham, mas ela saiu.

Guilherme: Ah e aquele joguinho de louça dela ali? É bem antigo, né?

Ângela: É, eles tinham, assim, bastante coisa, mas minha irmã saiu e deixou a casa fechada, se ela tivesse deixado a chave até abria pra vocês verem, mas...

Patrícia: Sim



Ângela: Ela levou. Eu achei que hoje ela não ia pra cidade, mas quando eu me levantei ela já tinha ido.

Patrícia: E a charrete essa tá na sua filha?

Ângela: Tá lá no Prado Novo.

Patrícia: No Prado Novo?

Ângela: A minha irmã vendeu pra ela, pra eles. E o cavalinho tá lá também, tá bem velhinho, bem (inaudível) aquele o meu pai tinha me dado. E o campo deles é maior, eles moram lá bem grandão, né?

Patrícia: Onde é que eles moram ali no Prado Novo? Tem a comunidade ali?

Ângela: É, aí depois tem a comunidade e aí vai se, tu vai indo, tem uma casa numa curva aquela ali a entrada não é, aí chega lá, tu vai cruzar reto pra lá e aí tem uma entrada que tem duas casas do quilombo, assim, da mesma pintura dessas aí. É lá na casa naquelas casas do quilombo que ela mora. Aí tem uma casa, assim, da sede, tem uma mais na beira da estrada, aí tu vê duas casas ali, lá ela tem, lá que ela tem a charrete.

Patrícia: Aham, é perto do Afonso, ali? Do antigo, da venda aquela?

Ângela: Não. Bem mais pra lá

Patrícia: Ah tá.

Ângela: Lá na comunidade do, da Três de Julho lá, lá onde chamam Comunidade dos Alemães.

Patrícia: Três de Julho?

Ângela: É! Tu vai assim ó, tu vai até aquela (inaudível) ali na curva, né? Aí tu pega a estrada pro lado pra cá, aí tu pega pra lá e nunca vai entrar pra lado nenhum, quando tu enxerga duas casas do quilombo igual a essa, aí é lá que eles moram! Aí tem que ir indo sempre, passa da comunidade, aí vai indo, vai indo. Aí tu olha, assim, pra cá tem uma entrada, assim, tem duas casas de quilombo ali

Patrícia: Aí é ali?

Ângela: É ali que ela mora.

Patrícia: Duas filhas suas moram ali, né?

Ângela: Não, é só uma. É só uma que mora lá.

Patrícia: Tem mais alguma? A senhora gostaria de tirar alguma foto ali fora de repente? Daí a gente aproveita essa luz bonita hoje, com a sua filha, com os seus netos, como a senhora...

Ângela: Ah, podemos tirar.

Patrícia: Vamos dar uma caminhada e a gente vai tirando umas fotos, pode ser?

Ângela: É, pode tirar.





## FICHA TÉCNICA

FOTOGRAFIAS

Claudia Turra Magni  
Guilherme Rodrigues  
Patrícia dos Santos Pinheiro

MONTAGEM DAS PRANCHAS

Daniele Borges

PESQUISA

Claudia Turra Magni  
Guilherme Rodrigues  
Patrícia dos Santos Pinheiro

MONTAGEM FINAL E DIAGRAMAÇÃO

Hamilton Bittencourt

COORDENAÇÃO DA PESQUISA

Patrícia dos Santos Pinheiro